

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições.	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originas sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

VISITAS REAES

Pasmou o Mundo, que esteve prestes a não continuar mais o seu giro em volta do Sol, ao ver tanta fortuna para um paiz tão pequeno, desde ha muito esquecido dos de fóra, a não ser para affrontas do mais aviltante descredito, e lembrado principalmente dos de dentro para tributos onerosissimos, geralmente applicados em pagar despesas escandalosas ou em serviços inuteis.

No curto espaço de duas semanas correram a Lisboa nada menos de duas testas coroadas, de duas nações de entre as mais poderosas do orbe terraqueo, senão as mais poderosas, dizem uns que para nos fazer compartilhar das suas grandezas, admirando as nossas, offerecendo-nos tractados de commercio, corroborando os já existentes, arbitragens, etc.

Acrescentam outros que de taes visitas resultará para Portugal a restauração do seu antigo poderio, das suas passadas grandezas maritimas, a sua inclusão, enfim, em o numero das potencias notaveis da politica mundial.

Narram-se a proposito das visitas reaes os episodios mais insignificantes e referem-se os factos mais fúteis da vida intima dos visitantes.

Enchem-se jornaes, com augmento de paginas, para aproveitar todas as minudencias, e debaixo d'este ponto de vista (tão sómente para estímulo da curiosidade) não vêem prejuizo nem lucro para ninguém e tem o mesmo merecimento, embora um pouco mais repugnante, que se alguém escrevesse nos jornaes que viu uma porção de velhas ao soalheiro em famosa descompostura mutua, ou miseravelmente atarefados na libertação d'alguem cardume de parasitas.

Sou de opinião, como toda a gente de bom senso, que, ou seja a Rainha Alexandra ou o Imperador da Alemanha, ou qualquer outro chefe de qualquer nação extranha, ou mesmo os membros de suas familias, devem ser recebidos entusiasticamente, carinhosamente, mas livre de pompas e de despesas com que não podemos.

Somos uma nação civilisada, mas pequena e pobre.

Era muito mais honesto e havia muito mais nobreza, adquiriamos mais sympathia e consideração se nos apresentassemos como somos, do que ostentando nos diferentes, quando é certo que a nossa pequenez é bem conhecida.

E' assim o nosso feitio, de fidalgo arruinado, que para receber des-

lumbrantemente os seus hospedes não se preocupa com as suas rendas, para no dia seguinte ter de vender ou hypothecar, vergonhosamente a melhor parte dos seus haveres.

E' para lastimar que na imprensa se diga que com taes visitas Portugal lucra e se engrandece, illudindo a opinião publica.

Já o temes dito e ninguém nos convenceu do contrario: Não nos trazem vantagem alguma.

Pelos seus costumes politicos, pelo character do povo inglez, pelas suas constituições e tradição, na Inglaterra quem menos governa, quem menos manda é o rei.

Sabe toda a gente que a Rainha Victoria era contraria á guerra com os boers; mas não ponde impedil-a e este facto abreviou-lhe a vida.

Não succede outro tanto com o imperador da Alemanha, que além de ser imperador faz de primeiro ministro do seu paiz, interessando-se directamente na solução de todos os negocios publicos d'alto interesse para a Alemanha, com intelligencia notavel, energia e verdadeiro amor pela sua patria.

Mas não ha duvida que é um caso excepcional; todavia, e apesar da visita d'hoje, se amanhã tiver necessidade de nos guerrear e por circunstancias especiaes poder fazel-o, prejudicando-nos, nem mil visitas lhe serviriam de obstaculo. Ou não fosse Portugal um paiz fraco e a Alemanha forte.

Pelo que respeita á narração das virtudes d'esse homem extraordinario, que occupa o primeiro logar no respeito e admiração tributados aos chefes das nações do Mundo, a occasião não podia ser mais apropriada. Oxalá que todos nós tivéssemos lição proveitosa do conhecimento de tão altos merecimentos.

Bom regresso ao seu paiz e longa vida para engrandecimento do seu povo.

D. H.

Dadiva

Sua magestade graciosa a rainha Alexandra, presenteou os srs. condes de Figueiró, com duas prendas de subido valor real e artistico.

Ao sr. conde offereceu uma cigarreira d'ouro tendo gravada e cinzelada ao centro uma miniatura sobre marfim, representando a rainha Alexandra, com o trajo da coroação, tendo brilhantes e diamantes de grande valor.

A sr.ª condessa offereceu sua magestade um broche de brilhantes e rubis, em fórma oval, as iniciaes da rainha, feita com brilhantes, rematadas por uma coroa imperial.

Visita de Guilherme II

Após a retirada da rainha Alexandra, que de Portugal levou as melhores recordações, um outro hospede igualmente illustre visitou a nossa capital.

Esta, recebeu com igual affecto, o imperador da Alemanha, que na galeria dos soberanos da Europa occupa um logar proeminente.

Lisboa que se esmerou por bem receber a Aquella soberana, não foi menos gentil para com este, sendo brilhantes os festejos feitos em sua honra, a que accorreu muitos milhares de forasteiros de tolo o paiz.

Para o esplendor dos festejos aos dois regios visitantes, muito contribuíram as comissões de commerciantes e jornalistas, para a ornamentação das ruas por onde tinha de passar o cortejo.

Julio Verne

Falleceu na semana preterita este grande escriptor francez, que assombrou o mundo com as suas obras litterarias e scientificas.

Os seus livros, sendo verdadeiros romances, são ao mesmo tempo obras scientificas.

As suas obras, traduzidas por todas as nações cultas, fizeram a admiração do mundo inteiro e em Portugal tem ellas largo curso, facilitado por uma edição popular de todas as obras, feita pela antiga casa David Corazzi com o titulo de «Viagens Maravilhosas» que devido ao seu modico preço foram profusamente espalhadas.

Mais um sabio que a França perdeu.

Sermões quaresmaes

Foi encarregado dos sermões de quaresma na nossa igreja matriz, tendo logar no domingo preterito o o terceiro d'esses sermões ou conferencias, o reverendo vigario de Campello, sr. Mannel dos Reis Mattos, que muito tem agradado, apesar da aspereza do assumpto a que taes sermões são obrigados.

Pois não é facil o conseguir apresentar sermões que agradem, no genero dos da occasião, na actualidade, em que os espiritos, ainda os de mediana cultura, veem descrendo dos mandamentos da igreja, e do assumpto a que os sermões quaresmaes tem de ser subordinados.

Foi convidado a vir pregar o sermão do encontro da procissão dos Passos que em domingo de Ramos tem logar n'esta villa, o reverendo P.º Manuel Mendes Gaspar, de Chão de Couce.

Lucta de raças

Não ha muito que em uma revista scientifica lêmos que a flora do Japão é notavel pela sua riqueza, contendo nada menos de 900 generos que formam 3.000 especies. A Alemanha em comparação só possui 718 generos e 2.614 especies. A riqueza vegetal do Japão faz com que este paiz esteja em condições economicas muito diversas das da Europa em geral.

Quando lêmos isto e quando tudo nos parece afirmar que o povo japonéz tem pela agricultura, em todos os seus ramos, uma solicitude extraordinaria, não podemos deixar de pensar n'essa formidavel guerra ha cerca de quatorze mezes travada entre o colossoal imperio moscovita e o imperio do Sol nascente, guerra que é uma completa negação dos progressos realizados pela humanidade, um retrocesso a tempos que pareciam não voltar mais.

Não se póde ficar insensível perante essa carnificina de Mukden, ante essa hecatombe, que os telegrammas na sua concisão característica enumeram, dando como fóra do combate cerca de duzentos mil homens e pertencendo o maior contingente de tantas victimas ao exercito vencido, ao da Russia!

Essa guerra do Extremo-Oriente está na realidade sendo dirimida de uma maneira terrivelmente sangrenta, e se é, como se diz, uma lucta de raças, por certo que não fica em boa situação a raça branca perante as densas populações asiaticas. O prestigio que até aqui gosava, ha de forçosamente extinguir-se; a sua preponderancia findará fatalmente, pois mal foi que esses povos de civilização estacionaria conhecessem que, com armas iguaes, a Europa póde ser vencida, como está succedendo presentemente á Russia.

O espectáculo que ao mun-

do se está offerecendo, não é em boa verdade dos mais prestigiosos para a raça que até aqui se arrogara o dominio dos outros povos. A ferida que faz sangrar a Russia, reflectir-se-á naturalmente nos outros paizes europeus, porque no grande desastre não está uma só nação, estão também envolvidas todas as que são constituídas pela raça branca.

A Russia soffre as consequências das suas ambições. Tratando um pouco desdenhosamente o povo japonês, ignorando no seu orgulho o quanto elle havia caminhado na senda da civilização europeia, sem conhecimento dos seus armamentos, da capacidade e tática dos officiaes com quem teria de medir a propria insufficiencia, mal pensava ha quatorze mezes que ia precipitar-se em um abysmo, do qual não se sabe ainda como sahirá, se com a continuação da guerra, se com a admissão de uma paz que forçosamente não será li-songeira para os seus brios de grande potencia militar.

Seja, porém, como fôr; marcham os acontecimentos ao contrario das previsões feitas, o que é incontestavel é que o mundo já ha muito que não assistia a tão formidaveis hecatombes, sendo para lastimar que no seculo XX ainda seja necessario recorrer ás armas para dirimir questões de ambições e nada mais. Se da guerra resultar o perigo amarello, então a chamada lucta de raças tornar-se-ha mais accentuada e indubitavelmente mais critica.

A situação não é de certo das mais risonhas; o porvir não se mostra muito favoravel á expansão da raça branca, e a paz, que tão necessaria é para o fomento de todas as riquezas, tornar-se-ha um mytho, ou uma coisa fluctuante, á mercê das paixões.

Oxalá nos enganemos, mas esta guerra do Extremo-Oriente, essa lucta de raças, ha de forçosamente modificar o estado actual das coisas n'aquellas longiquas paragens. Quem sabe! A China que é um colosso, talvez sinta e reconheça a necessidade de se armar, seguindo as pisadas do Japão.

Quem tem seguido a formidanda lucta russo-japoneza, não ignora que os triumphos do Japão têm alegrado a alma chinesa, havendo manifestações inequivocas d'esse modo de sentir. Ora desde que a China se arme e tenha a consciencia do seu poder, como poderão subsistir independen-

tes as colonias europeias estabelecidas no seu territorio?

Realmente o mundo está passando por uma phase singular e se ha ainda quem acaente optimismos, a decepção não tardará muito a vir desfolhal-os. Aquella terrível batalha de Mukden vae ser o inevitavel inicio de uma transformação que se operará no mundo politico, levantando não poucos pontos de interrogação sobre o futuro.

A Companhia dos Caminhos de Ferro de Paris, Lyon, Mediterraneo, além de varios auxilios que já prestava aos seus empregados, em que gastava cerca de 16 milhões de francos, decidiu que os seus empregados, esposas e filhos, que sejam atacados ou ameaçados de tuberculose, sejam admitidos em seis estabelecimentos sanatoriums, onde recebam gratuitamente os cuidados necessarios ao seu estado.

Ahi está um bom exemplo que podia ser seguido pela Companhia dos nossos caminhos de ferro, e quando não podesse ser gratuito esse tratamento, o fosse por preço muito reduzido.

Cão raivoso

No sabbado preterito vagueou por esta villa um cão hydrophobo que mordeu varios animaes da sua especie, e mordeu também o sr. Adelino Campos, do logar da Santarem, proximo d'esta villa, que no domingo seguiu para Lisboa, afim de ser tratado no respectivo instituto.

O animal lançou-se ao homem, á entrada da villa, de manhã, que o encontrou sem ter com que se defender, rasgando-lhe o dedo pollegar da mão direita, ignorando que fosse hydrophobo. De tarde, voltando á villa, reconheceu o mesmo cão, sabendo-se estar atacado de raiva.

Começando a juntar-se gente a perseguir o animal, sem ninguem ter arma que o alcançasse, e aproximando-se a noite, o cão não poute ser morto, continuando a causar desastres.

Que se saiba, mordeu mais tres creanças e rasgou o fato a duas paideiras que no domingo de manhã vinham dos Cabaços para esta villa, com pão para o mercado, e mordeu um homem de Arêga, que foi também para Lisboa.

A digna auctoridade administrativa tem feito distribuir o bollo destruidor d'estes animaes, tendo já sido abatidos um consideravel numero.

Bom seria que sua excellencia se não limite á extincção d'alguns d'esses animaes, e que as suas providencias chegassem a não consentir que andem sem açãmo, cumprindo-se o que a lei determina para com esses animaes que vagueiam pelas ruas e perseguem os transeuntes.

O tempo tem corrido nas ultimas semanas, favoravel á agricultura e durante esta semana tivemos dias de verdadeira primavera, e só agora as andorinhas por cá fizeram a sua aparição.

A PONTUALIDADE PORTUGUEZA

De uma magnifica chronica de João Chagas:

«A falta de pontualidade no nosso paiz é por tal fórma um habito social, que, em rigor, no systema das nossas mutuas relações, ninguem chega primeiro. Dois individuos combinam encontrar-se e o que quasi sempre succede é que—não se encontram.

Diz o *Diario de Noticias*, a proposito d'esta referencia á personalidade da rainha Alexandra, que a pontualidade é um modo de ser individual. Em Portugal, a falta de pontualidade é um modo de ser colectivo. Não são os individuos que chegam tarde: é a nação em peso. D'ahi talvez o nosso atrazo em relação a todas as coisas. Já toda a Europa andava em caminho de ferro e ainda nós andavamos em diligencia. Quando Fontes chegou com o seu famoso *fomento* trazia pelo menos vinte annos de atrazo. Nós chegamos tarde a todos os *rendez-vous*; chegamos tarde para jantar e chegamos tarde para progredir.

Além d'isso, adiamos. Chegar tarde, é uma das nossas características. Adiar é outra.

Qual o estrangeiro que algum dia tenha entrado em relações comnsco e não conheça a nossa palavra—*amanhã*?

Nós deixamos ficar tudo para o dia seguinte. Diante dos grandes, como dos pequenos problemas—*adiamos*.

Ha um negocio a concluir?

Amanhã!

Ha uma carta a responder?

Amanhã!

Ha uma visita a pagar?

Amanhã!

Amanhã é o nosso dia activo. O dia de hoje é sempre um dia perdido.

Assim os nossos negocios arrastam, as nossas cartas ficam sempre sem resposta, as nossas visitas por pagar, porque *amanhã* não vem nunca; é sempre—*amanhã*. O dia seguinte das nossas resoluções é sempre um dia temeroso que afastamos indefinidamente.

Percorra-se Lisboa. O que se ouve?

Desculpas.

Toda a gente se desculpa.

Este desculpa-se, porque ficou de apparecer e não appareceu; aquelle desculpa-se porque prometeu escrever uma carta e não a escreveu; um outro desculpa-se porque recebeu um presente e não o agradeceu; um outro porque devia ter dado uns pezames, que não deu.

Das nossas relações sociaes levanta-se um murmurio de contricção. Toda a gente se acusa de alguma falta social e se penitencia publicamente batendo nos peitos. O que suavisava esta situação é que não são raros os que estão em falta. Nós não respondemos a cartas, mas em compensação ninguem nos responde a nós. No regimen da correspondencia postal, o que é de uso é perguntar alguns mezes depois, por desfastio e ao acaso do primeiro encontro:—«O Fulano! Tu recebeste uma carta minha aqui ha tempos?» ao que o interpellado invariavelmente responde:—«E' verdade! O' diabo! Desculpa!» Também se usa n'esta conjuntura fazer derivar os successos sobre as irregularidades do serviço postal.

Faltar, adiar, taes são as nossas características.

Por isso também somos um paiz ideal para refugio dos preguiçosos, desmazelados e inertes.»

Aviso aos contribuintes

Por decreto de 16 de março de 1905 o relaxe das contribuições far-se-ha 60 dias depois da abertura do cofre com respeito a cada uma das prestações. Portanto terminando em

31 de março o prazo para o pagamento da primeira prestação o relaxe d'esta far-se-ha em 1 de junho e sendo o pagamento da 2.^a prestação em julho o relaxe d'esta far-se-ha em 1 d'outubro.

Antigamente o relaxe das contribuições fazia-se em setembro, por isso devem os contribuintes ter em attenção este decreto para não se dar o caso das suas contribuições serem relaxadas e não allegarem ignorancia.

CORRESPONDENCIAS

Castanheira de Pera 29 de março

Tem estado no Hospital d'esta povoação Anna Magdalena, operada do labio-leporino, pelo sr. D.^r Guimarães. Foi auxiliado pelo pharmaceutico sr. Miranda, correndo a operação muito bem. Está quasi curada e pouco se conhece a cicatriz da ligação do labio.

E' mais uma prova da competencia d'este distincto clinico e habil operador.

Os nossos parabens.

Na 3.^a domingo de quaresma pré-gou pela primeira vez n'esta egreja, muito distinctamente, o nosso amigo sr. P.^o Sergio dos Reis.

A par de vastos recursos intellectuaes, revelou muito trabalho e facilidade de dicção, qualidades estas que, juntas ao seu caracter sympathico e insinuante, fizeram e hão de fazer sempre com que seja ouvido com geral agrado.

As nossas mais sinceras felicitações.

Correspondente.

S. João em Braga

Os festejos a este santo, em Braga, que tão conhecidos são de todo o paiz e que tanto povo attrahem áquella cidade, são este anno revestidos do maior esplendor, e para isso se está já preparando a commissão para esse fim nomeada.

Em breve começarão a ser espalhados por todo o paiz os programas de taes festejos, que a seu tempo publicaremos no nosso semanario.

Pelo Tribunal

Audiencia de 27 de Março.

Distribuição

Inventario orphanologico por obito de José Silveiro ou José Antonio Silveiro, morador que foi no logar dos Chãos de Cima.

1.^o officio. Escrivão, Jardim.

E' do nosso presado collega A Vinha de Torres Vedras, o artigo—Lucta de raças—que com a devida venia n'outro logar publicamos.

DINHEIRO

Empresta-se sobre hypotheca ou letra com bons fiadores.

Perdigão—

Figueiró dos Vinhos.

CANTAE!

Cantae, sereias, cantae!
Que a vossa alegria louca
Deponha na minha bocca
Um beijo por cada ai!
Quando me virdes scismando,
Olhos arrasados d'agua,
Acalentae esta magua:
Cantae, sereias, cantae!

Dos que não sonhaes ternuras,
Doces illusões, chimeras...
Que só contaes primaveras
Ermas d' affectos, sem flôres,
Vinde ser as enfermeiras
Do meu coração doente,
Desilludido, descrente,
N'um peito cheio de dôres.

Dizei-lhe que um grande affecto,
Tal como o sinto, é loucura.
Que a mocidade não dura,
Que o sonho é enganador,
Que ao atravessar a lama
D'este mundo miserando,
Deve passar-se cantando
P'ra não se morrer de dôr!

Cantae, sereias, cantae!
Embragadas e loucas,
Cheias de canções as boccas,
Gelo em vez de coração,
Matae, sorrindo, esperanças
E em cada loiro cabello
Estrangulae um anhelto,
Um sonho ou uma illusão.

Zombae do amor que mata
Os corações que domina;
Da febre-peixão que mina
Os peitos os mais subteis;
Mudae em risos o fel
Das decepções, a amargura
Com que se paga a ventura
D'um só momento feliz.

Cantae, sereias cantae!
Que a vossa alegria louca
Deponha na minha bocca
Um beijo por cada ai!
Quando me virdes scismando,
Olhos arrasados d'agua,
Acalentae esta magua:
Cantae, sereias, cantae!

Castello Branco.

Guilhermino Sotto Mayor.

Terço do Senhor dos Passos

Conforme nos demais annos, tem-se feito todas as sextas feiras á noite, este terço ou procissão, que desde tempos immemoraveis é costume fazer-se n'esta villa a que a maioria d'este bom povo tem grande devoção em concorrer, mas que a outros pouco respeito por vezes tem merecido, aproveitando essa occasião para fim bem diverso.

Este anno, porem, devido á providencia tomada pela auctoridade administrativa que tem feito acompanhar este acto religioso por cabos de policia, tem-se feito essa cerimonia religiosa com toda a decencia e respeito que era de desejar-se, e a não ser assim, melhor é que se não faça: se para estes actos não ha devoção, deve pelo menos haver o devido respeito.

Phenomeno

Na noite de quarta para quinta feira da semana preterita, a esposa do sr. Abilio d'Oliveira, mais conhecido por Abilio Rebeca, deu á luz uma creança do sexo feminino com dois dentes, com a altura de alguns millimetros, sendo um na maxila superior e outro na inferior.

Machinas de costura

Vendem-se muito baratas, cozendol perfeitamente, recebendo-se em troca machinas inutilisadas.

Tambem vende oleo de 1.^a qualidade, agulhas para todas as machinas, correias, chaves, mezas e todas as peças necessarias.

DAVID—RELOJOEIRO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGRADECIMENTO

Manuel Mendes d'Abreu, industrial-proprietario, d'esta villa, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem por esta fórma agradecer a todas as pessoas que se dignaram honrar a seu pae, Domingos Mendes d'Abreu, acompanhando-o á sua ultima jazida na terra, bem como á *Philarmonica Figueiroense*, que sobremaneira abrihantára aquelle acto funebre, finezas estas que já-mais poderá olvidar, e a que sempre será grato.

Figueiró dos Vinhos, 30 de Março de 1905.

Dinheiro

Dá-se a juro a quantia de um conto a um conto e quinhentos mil reis, com boa garantia em predios.

N'esta redacção se diz.

ANNUNCIOS

Manuel dos Santos

CEICEIRA — ALVAIAZERE

Participa a todos os seus estimaveis amigos e freguezes, que estando munido com pedra de primeira qualidade, se obriga a fornecer por rezumidos preços, toda a qualidade de obra em cantaria no gosto que o freguez desejar.

Tambem se encarrega de construcções ou edificações de quaesquer obras com planta ou sem ella.

CASA DE CONFIANÇA

Esta casa vende por preços baratissimos:—Relogios de sala, dictos de bolso, e objectos de ouro e prata.

Vende tambem machinas de costura, e todos os accessorios para as mesmas.

Executam-se concertos em toda a qualidade de relogios, machinas de costura, e em todos os objectos de ouro e prata, ficando perfeitos.

Todos os objectos são garantidos, restituído-se a importância por inteiro, ao freguez, no prazo de 15 dias, quando prove que foi *burlado*, tanto na qualidade do objecto como no preço.

David—Relojoeiro

Figueiró dos Vinhos.

Officina de Canteiro

DE

BERNARDINO DE FREITAS

CORREIO DOS CABAÇOS

CORTIÇA

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade e gosto do freguez.

Tambem se encarrega da construcção de jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez.

Pregos convencionados, mas sem competencia.

foi o concussionario d'aquelles tempos, que lhe recebeu os dois mil cruzados de pergamino. As urgencias do estado de hoje eram litteralmente as urgencias dos chancelleres mórés do reino.

A fidalguia protestou silenciosa contra tão grave injuria. Fechou os seus salões ao adepto insolente, que ousára assignar-se D. João de Noronha, e mandára esculpir na fachada de uma casa ameçada as armas dos Noronhas. E' tradição em Villa Real que os Pintos Coelho de Mello Pinto da Mesquita, mandaram borrfir de sangue as armas de D. João de Noronha. Nada fez recuar o proposito do filho do ferreiro. Os tempos correram, mas os odios ao pobre homem não se extinguiram. Digno d'estes tempos, D. João seria hoje affavelmente recebido pela velha nobreza, com tanto que as differenças no azul do sangue fossem saldadas com o amarello do ouro.

Conheci este homem, e tratei-o muito de perto. Era eu bem creança, e respeitava as loucuras d'aquelle velho, com a mais sisuda tolerancia. Quando o vi, aos oitenta e seis annos, casar-se com uma donzella (oitava maravilha) de oitenta e nove, cingi-me com aquelle par conjugal, e quiz ouvir-lhe os colloquios amorosos, as expansões delirantes, as ternuras idealissimas. Não pude; e o leitor perdeu muito com isso, que eu não era homem de privar de um capitulo precioso a *Physiologia do Casamento*, de Balzac.

O vento das tempestades da vida impelliu-me de Villa Real para outra linha no mappa-mundi das minhas observações; e o meu caro D. João morreu poucos dias depois de sua mulher, e é de crer que, abraçados em frenetica paixão, renascessem, viçosos e frescos, como Paulo e Virginia, em mundos novos, e novas constellações. Assim seja!

Como vinha dizendo, leitor attencioso, quando eu tive a honra de ser admittido ao tracto intimo de D. João de

rio, entregue ás subtilezas economicas, que distinguem o cabedal da renda, andará em guerra litteraria com o seu vizinho da aldeia proxima, por causa de uma falsa interpretação aos sophismas de Bastiat. N'esse dia serão banidos os estupidos da face da terra. O proletariado, filho da estupidez, não virá coberto de farrapos pedir um bocado de pão, no banquete social, por conta do futuro fomento. Pouco ha de viver quem não vir tudo isto.

Será então chegado o momento solemne de pedir á provincia do norte a historia do seu passado. Serão exploradas então as minas de poesia, entulhadas pelo obscurantismo de longos seculos. Acontecerá muitas vezes encontrar-se um sóco onde se esperava um borzegim de castellan. O leitor pedirá uma heroica lucta de dois infanções armados da fidalga espada, e verá duas foices roçadouras decidirem um pleito de apaixonado melindre.

Mas não será em tudo assim a chronica obscura da provincia, onde vivi alguns annos, e em poucos dias colhi apontamentos para longos trabalhos de muito proveito esthetico, plastico, artistico, e não sei mesmo se cubico, anomat, e hybrid.

A historia que vou contar, com innocentissima lealdade, pôde ser confirmada ainda por duas ou tres testemunhas, que, pelo menos, viviam ha cinco annos. Falo assim com orgulhosa auctoridade, porque tenho direito a ser acreditado em romances, que tem a honra de assentarem n'uma sincera base.

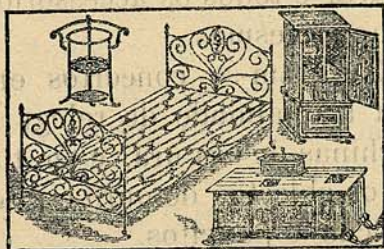
A mentira no romance é uma nodosa que nausea o publico illustrado. Alexandre Dumas, escrevendo um romance intitulado *Martin Freitas*, obrigou este horreo a desembarcar em Mafra, nomeou-o alcaide do castello de Herta, e fez nascer D. Sancho II na Palestina, onde foi baptisado por um tal monsieur de Évora, arcebispo de Leiria. E' uma cornucopia de asneiras este litterato, falando de Portugal.

O publico tem direitos sagrados, e é realmente ultrajar-

NA LOJA DOS QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO
encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000.

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios). ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionais e estrangeiros). para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

ARITMETICA PRATICA

por
ADELINO LOPES CARREIRA

A mais pratica, mais completa e que é adoptada em diversas escolas officiaes secundarias, como na «Rodrigues Sampaio» e Casa Pia, de Lisboa; na Escola de Telegraphia do Porto, e outras.

Encontra-se á venda em varias livrarias de Lisboa e Porto, podendo pedir-as ao editor—Francisco Antonio d'Aguiar, em Figueiró dos Vinhos, e á livraria—Avellar Machado—

em Lisboa, as livrarias que ainda a nao tenham.

LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por

MARCELINO MESQUITA

O popular auctor do drama com igual titulo, representado innumeras vezes e applaudido entusiasticamente e delirantemente nos theatros D. Maria e D. Amelia, acaba de firmar contracto com «A Editora» para a publicação d'este seu novo original, verdadeira obra prima litteraria da actualidade.

Grande edição de luxo profusa-

mente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes—Um exemplar «gratis» a quem enviar a importancia de 10 cadernetas. tomos ou volumes.

Em publicação na «A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

Rudimentos de Agricultura Pratica

por

D. LUIZ DE CASTRO

Agronomo e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Livro profusamente illustrado, 250 réis

Edição esmerada da Livraria Ferim de Lisboa

Approvado pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Chorographia, de Raposo Botelho, podem ser feitos á redacção d'este jornal.

Os Dramas da Côte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LADOUETTE

A Côte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e misérias, é descripta magistralmente pelo auctor d'O BASTARDO DA RAINHA nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós

exito igual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanais de 15 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo

100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRINDES

a todos os assignantes

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

A AMBICÃO D'UM REI

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem remetter adeantadamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

lh'os, quere'los capacitar de que Mafra é um porto de mar, e Leiria uma cidade archiepiscopal, e monsieur de Evora cidadão portuguez.

Comprehenda-se a missão do romancista. O romance, a viabilidade, e o fluido transmutativo são tripeça em que está sentada a civilização. Quebrar-lhe um dos pés é dar com ella em terra.

I

Morreu, ha seis annos, em Villa Real, um velho de oitenta e oito annos. Chamava-se D. João de Noronha, e habitava uma casa pequena, mas decorada de grande braço de armas, e não sei quantas ameias modeladas pelos pilares das açouteias Mouriscas. O leitor que, por louvável curiosidade quizer, de perto, capacitar-se da fidelidade architectonica d'esta casa, vá a Villa Real, e na rua do Cabo da Villa, pergunte pela casa de D. João de Noronha. Não terá de que maravilhar-se, a não ser da sisuda gravidade, e rigorosa certeza com que o auctor lhe conta historias interessantissimas.

Algumas palavras a respeito d'este D. João de Noronha. O dom é quasi sempre, entre portuguezes, indicação de fidalguia remota; mas em D. João de Noronha era uma irrisão para o povo, e uma ignominia affrontosa aos fidalgos da terra. E a razão é esta:

Ha cento e vinte annos que viveu em Villa Real uma senhora D. Paula Coronel e Noronha, protectora de um tal Antonio da Silva, sapateiro da casa.

Este homem era desordeiro e valentão. Em rixas com um freguez por causa de umas tombas, matou-o desastrosamente. A justiça apanhou-o, e condemnou-o a pena ultima.

D. Paula exaurira os grandes recursos da sua influencia, sem conseguir salvar da forca o seu afilhado. Avaliaram-se, porém, os extremos de D. Paula pelo condemna-

do, e attenda-se á época em que os grandiosos esforços de uma fidalga são anciosamente empenhados na salvação de um arrastado verme da plebe.

D. Paula, em ultimo recurso, declara que o sapateiro é filho bastardo de seu irmão, e como tal o perfilha. Desde que esta adopção foi consignada no livro dos alvarás de perfilhamentos, Antonio Coronel de Noronha está salvo da forca. O processo atravessa novos tramites; e a lei, esmagada sob o rebolo transformado em pedra d'armas, condemna o réo a cinco annos de degredo para Castro Marim.

O nobre exilado, um anno depois, morreu de uma indigestão de figos do Algarve; e, honra lhe seja feita, á hora da morte, declarou que vivera sapateiro e christão, e como sapateiro pedia perdão aos homens, e como christão a Deus, porque muito queria salvar-se.

Seu irmão Francisco, mestre ferreiro, morreu ferreiro, porque não quiz partilhar das honras heraldicas de seu irmão, que, pelos modos, não eram muito lisonjeiras para a memoria de sua mãe.

Este ferreiro deixou um filho, chamado João, e uma fortuna avultada, adquirida na bigorna.

João, orphão aos quinze annos, quiz ordenar-se; mas o amor tolheu-lhe as vocações ardentes do sacerdocio.

Por aquelles tempos a sociedade estava retalhada em classes. João da Silva invejava o acaso de um nascimento, e desesperava-se na impotencia de associar-se dois appellidos euphonicos, que guindassem á região dos homens superiores em raça aos outros homens, como o onagro de Sevilha superior em raça ao onagro de Cacilhas.

Zombavam cruelmente d'elle, quando lhe disseram que se encabeçasse na linhagem, embora bastarda, de seu tio, que morrera legalmente inscripto no livro dos costados a folhas 1473.

João da Silva foi conscienciosamente fidalgo desde esse instante. Tirou uma certidão, hypothecou metade da sua fortuna ao fôro, e conseguiu o. Não diremos ao certo quem